

A importância do saber LIBRAS para o atendimento de enfermagem à mulher com deficiência auditiva na atenção básica

Estefânea Maria da Silva^a; Adenilson da Silva Gomes^{a*}; Ana Karla Bezerra da Silva Lima^a;
Maria Nazaré Souza dos Passos^a; Dario César de Oliveira Conceição^b;
Maciel Manguinho de Souza^c

^aNúcleo de Enfermagem. Faculdade Santíssima Trindade – FAST, Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil.

^bNúcleo de Farmácia. Faculdade Santíssima Trindade – FAST, Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil.

^cNúcleo de Pedagogia. Faculdade Santíssima Trindade – FAST, Nazaré da Mata, Pernambuco, Brasil.

Histórico do Artigo:

Recebido em: 20/01/2023

Aceito em: 18/09/2023

Palavras-chave:

Enfermagem; LIBRAS;
saúde da mulher;
deficiência auditiva.

Keywords:

Nursing; LIBRAS;
women's health; hearing
deficiency.

RESUMO

O conhecimento na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pelos profissionais em saúde no geral é de suma importância para que haja um atendimento da forma mais plena possível à pessoa com deficiência auditiva. Objetivou-se elucidar a importância do conhecimento da língua de sinais para os profissionais de enfermagem na assistência às mulheres com deficiência auditiva na atenção básica. A presente pesquisa, de cunho bibliográfico, possui metodologia de revisão integrativa. A construção desta pesquisa deu-se a partir da busca de materiais nas bases de dados Scielo, PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando como descritores “LIBRAS”, “deficiência auditiva”, “saúde da mulher” e “enfermagem”. Na realização da busca por artigos foram encontrados inicialmente 43 artigos; com a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão nas etapas dessa busca restaram 09 artigos que se encaixaram no objetivo deste estudo. Conclui-se que embora seja disposto em lei que haja um quantitativo de profissionais de saúde com conhecimento em LIBRAS ou interprete nos locais que prestam assistência de saúde, isto não é posto em prática. Isto torna-se preocupante devido a necessidade de atenção especializada e das consequências que o déficit de comunicação pode causar. A LIBRAS precisa ter sua importância reconhecida desde o início da formação do enfermeiro e no decorrer da sua atuação através de qualificações.

The importance of knowing LIBRAS for nursing care for women with hearing disabilities in primary care

ABSTRACT

Knowledge in the Brazilian Sign Language (LIBRAS) by health professionals in general is of paramount importance so that there is a service as fully as possible to the person with hearing impairment. The objective was to elucidate the importance of knowledge of sign language for nursing professionals in assisting women with hearing impairment in primary care. This bibliographical research has an integrative review methodology. The construction of this research was based on the search for materials in the Scielo, PubMed and Virtual Health Library (VHL) databases, using “LIBRAS”, “hearing impairment”, “women's health” and “nursing” as descriptors. . In carrying out the search for articles, 43 articles were initially found; with the application of the inclusion and exclusion criteria in the stages of this search, 09 articles remained that fit the objective of this study. It is concluded that although it is provided by law that there are a number of health professionals with knowledge in LIBRAS or interpret in the places that provide health care, this is not put into practice. This becomes worrying due to the need for specialized attention and the consequences that the communication deficit can cause. LIBRAS needs to have its importance recognized from the beginning of the nurse's training and throughout its performance through qualifications.

* Autor correspondente: adenilsongomes@hotmail.com (Gomes A.S.)

1. Introdução

A surdez e a deficiência auditiva (DA), numa visão orgânica, são utilizadas como sinônimos ao se tratar de qualquer tipo de perda auditiva seja ela em grau leve, moderado, grave ou profundo em um ou em ambos os ouvidos. Já em uma compreensão histórico-cultural ressalta a distinção na vivência das diferenças de audição (1).

De acordo com o World Health Organization (2) é considerada uma pessoa com perda auditiva aquela incapaz de ouvir tão bem quanto uma com condição normal de audição, nos limiares auditivos de 20 decibéis, podendo afetar uma ou ambas as orelhas dificultando de ouvir a fala de conversações ou sons altos. As pessoas com surdez de modo geral têm perda auditiva profunda, o que causa em pouquíssima ou nenhuma audição. Estes costumam usar a língua de sinais para comunicação.

O Brasil tem como língua oficial o português e reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio legal de comunicação e expressão desde 24 de abril de 2002 através da Lei de nº 10.436 que é regulamentada pelo Decreto n.º 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (3).

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (4).

A comunicação é elemento indispensável, dentre tantas situações, no âmbito da prestação do serviço de saúde para a interação profissional-paciente e é um dos principais instrumentos de humanização na saúde. O relato do paciente ao profissional sobre sinais e sintomas, hábitos, histórico familiar e de doença, descrição do ambiente em que vive são pontos que ajudam na construção da prevenção, diagnóstico e tratamento (5).

O conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pelos profissionais em saúde no geral é indispensável para que possa haver um atendimento da forma mais plena possível à pessoa com deficiência auditiva. A falha na comunicação põe em risco a qualidade da assistência prestada, prejudicando a anamnese, o diagnóstico, o tratamento, e o vínculo profissional e paciente. Além disso, muitos profissionais não dominam a LIBRAS agravando ainda mais a qualidade do atendimento (5).

O enfermeiro na Atenção Básica tem seu principal dever com o cuidado ao paciente de forma mais próxima, acolhendo e buscando soluções para as queixas apresentadas pelo paciente, junto à equipe de saúde. E no cuidado com a mulher com deficiência auditiva (DA), é preciso que haja uma boa comunicação, pois esta já vem com estigmas e dificuldades em sua vida pessoal (6). Barreiras como constrangimento a paciente, ocultação de informação, recusa da realização do exame físico, o que impede que haja um atendimento holístico (7).

Pela falta de comunicação há possibilidades para criação de desejo fragilizado pela busca ao serviço de atenção básica, pois em consequência do bloqueio na interação enfermeiro-paciente, ocorre insegurança da paciente, aumento de sua vulnerabilidade a doenças infecciosas, descontinuidade do cuidado em ações de controle de câncer de colo de útero e de mama, dentre outras situações(8). Já é visto na literatura relatos que apontam essas limitações (9).

É premente a realização de estudos que identifiquem como se dá esse processo comunicativo envolvendo a LIBRAS, enfermeiros e mulher com DA para que haja o estímulo de práticas de enfermagem ao longo da atenção básica que certifiquem cuidados qualificados inserindo com segurança e humanização essa mulher dentro da rede de cuidados.

Diante disto a presente pesquisa visa elucidar a importância do conhecimento da língua de sinais para os profissionais de enfermagem na assistência às mulheres com DA na atenção básica.

2. Materiais e métodos

A presente pesquisa, de cunho bibliográfico, possui metodologia de revisão integrativa, a qual proporciona uma abordagem mais ampla sobre as revisões literárias, concedendo a inserção de vários estudos, proporcionando assim uma vasta visão sobre o tema estudado (10).

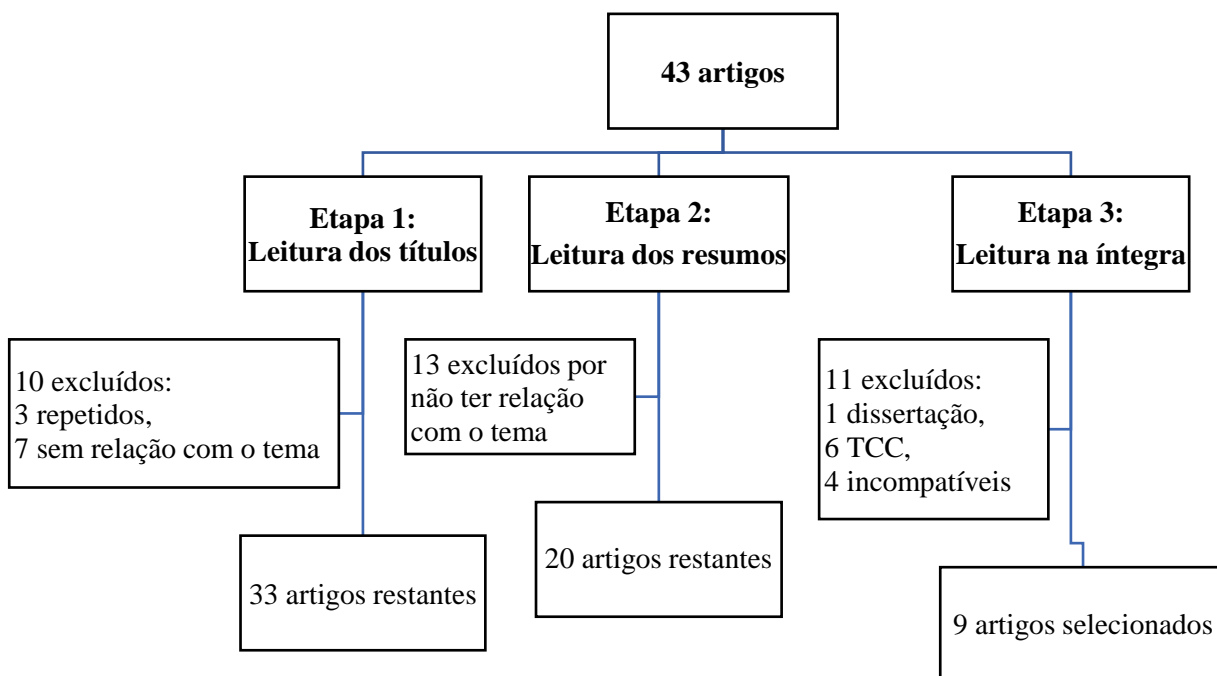
A construção desta pesquisa deu-se a partir da busca de materiais nas bases de dados Scielo, PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando como descritores “LIBRAS”, “deficiência auditiva”, “saúde da mulher” e “enfermagem” juntamente com o operador booleano “and”. Foram utilizados como fonte de dados, artigos publicados no período entre 2017 e 2022 possibilitando a investigação de um cenário mais recente.

Definidos como critérios de inclusão: artigos disponíveis na íntegra e gratuitamente nas bases de dados selecionadas, publicados na língua portuguesa, com recorte temporal de 2017 a 2022. Como critérios de exclusão estabeleceu-se excluir artigos duplicados, sem convergência com o objetivo do tema e literatura cinzenta.

A busca de artigos foi realizada entre os meses de agosto a setembro de 2022. Seguindo a seleção: primeiramente a leitura dos títulos, sendo realizada a leitura dos títulos dos artigos encontrados dentro dos critérios de inclusão definido, e descarte dos artigos duplicados e que não se encaixarem com o tema. Seguiu-se com a leitura dos resumos e descarte dos que não se encaixaram com o objetivo deste estudo e por fim a leitura do texto na íntegra em busca das informações desejadas.

Na realização da busca por artigos foram encontrados inicialmente 43 artigos. Em seguida, inicialmente, foram lidos os títulos destes artigos, sendo contemplados 33 estudos. Na etapa seguinte, com a leitura dos resumos, excluíram-se 13 estudos e os demais, ao serem lidos na íntegra, permaneceram nove estudos como amostra final (FIGURA 1)

Figura 1 – Fluxograma de seleção dos artigos utilizados nesta revisão.



Fonte: Autores

O método utilizado na análise e síntese dos artigos que atenderem aos critérios de inclusão e exclusão foi a utilização de um quadro síntese elaborado para este fim, que descreve os seguintes atributos: nome do estudo, autoria, ano de publicação, principais resultados

e conclusões. Esses dados foram apresentados e discutidos de maneira descritiva e reflexiva com base no objetivo deste estudo.

3. Resultados

O Quadro 1 apresenta as principais informações dos artigos selecionados.

Quadro 1 – Principais informações dos artigos selecionados.

AUTORIA/ANO	TÍTULO	PRINCIPAIS RESULTADOS	CONCLUSÃO
Costa <i>et al</i> (2018) (11)	Acolher e escutar o silêncio: o cuidado de enfermagem sob a ótica da mulher surda durante a gestação, parto e puerpério.	As mulheres surdas enfrentaram dificuldades na assistência prestada pela equipe de enfermagem durante o período perinatal devido à fatores como: despreparo dos profissionais quanto ao uso da linguagem de sinais; ausência de intérpretes nos serviços; interlocutores que falam rápido demais; e uso de máscaras pelos profissionais, dificultando a leitura labial	A barreira de comunicação é verificada na interação entre surdas e profissionais de saúde, tornando-se indispensável que ambos encontrem formas de interagir para garantir uma assistência de melhor qualidade.
Ferreira <i>et al</i> (2019) (12)	Assistência à gestante surda: barreiras de comunicação encontradas pela equipe de saúde	Dos entrevistados, 51,7% eram enfermeiros e 56,7% trabalhavam na emergência; quase a totalidade não possuía conhecimento em LIBRAS (90,0%); nos casos em que o método de comunicação utilizado foi o intérprete (73,3%), o acompanhante foi referenciado como o intérprete por 100% dos participantes; 75,0% afirmaram que existiam barreiras de comunicação entre eles e as gestantes surdas e a falta de conhecimento em LIBRAS foi citada como barreira por 50,0% dos participantes.	Os profissionais deste estudo associam a falta do conhecimento em LIBRAS à inadequação da assistência, evidenciando a necessidade de formação profissional em LIBRAS.
Ferreira (2019) (13)	As dificuldades dos profissionais de enfermagem da atenção básica em prestar atendimento à pessoa com deficiência (PCD) auditiva e/ou fala.	Verificou-se que do total da amostra, 15 profissionais entrevistados, cem por cento sente dificuldades e insegurança ao atender essa clientela. As mesmas relataram o anseio de atendê-los com eficácia e de maneira humanizada.	Concluiu-se que para todos os profissionais entrevistados existe uma dificuldade muito grande em atender o paciente com deficiência auditiva e/ou fala.

AUTORIA/ANO	TÍTULO	PRINCIPAIS RESULTADOS	CONCLUSÃO
SOARES <i>et al</i> (2018) (14)	Como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo.	Emergiram das falas dos sujeitos as unidades temáticas: “Desconhecimento sobre a Língua Brasileira de Sinais” e “Práticas utilizadas pelos enfermeiros para viabilizar a interação com usuários surdos”.	Os sujeitos do estudo não sabiam comunicar-se por meio da Língua Brasileira de Sinais, considerando a ausência de acompanhante como barreira para a assistência aos usuários surdos e precisavam de outros meios para se comunicar com esses usuários, a exemplo da escrita, com os usuários alfabetizados, e a utilização de gestos ou leitura labial.
Marquete; Costa; Teston (2018) (15)	Comunicação com deficientes auditivos na ótica de profissionais de saúde.	Verificou-se que 92,4% dos profissionais acreditavam estar despreparados para atender o deficiente auditivo, 83,8% não sabiam comunicar-se com esses e 96,5% não sabiam se comunicar em LIBRAS. Muitos utilizavam estratégias visando quebrar a barreira de comunicação, tais como: gestos e escritas (18,7%), fala e gestos (11,6%), entre outros.	Na percepção dos profissionais de saúde, a barreira de comunicação com os deficientes auditivos ocorria por não saberem comunicar-se em LIBRAS; por isso, utilizavam mecanismos como gestos e mímicas para tentar a comunicação.
Reis; Oliveira; Santos (2021) (16)	Comunicação do enfermeiro no cuidado ao parto: ótica de mulheres surdas.	Das entrevistas emergiram duas categorias: Entraves no cuidado em saúde às parturientes surdas e a estratégia de comunicação do enfermeiro durante o parto de mulheres surdas.	Evidenciou-se a partir deste estudo a existência de obstáculos no processo de comunicação do enfermeiro durante o parto, ocasionados pelo desconhecimento deste profissional sobre LIBRAS, inexistência de intérprete no ambiente hospitalar, o acompanhante como interlocutor na comunicação e o uso de máscara.

AUTORIA/ANO	TÍTULO	PRINCIPAIS RESULTADOS	CONCLUSÃO
Pereira <i>et al</i> (2020) (17)	Cuidado de enfermagem às pessoas com deficiência na Atenção Primária à Saúde.	A partir da análise dos resultados, foi construída a síntese do conhecimento em três categorias, quais sejam: barreiras na comunicação, barreiras físicas/arquitetônicas e barreiras na compreensão da deficiência.	Conclui-se a dificuldade do enfermeiro em desenvolver ações de cuidado junto às pessoas com deficiências, tendo em vista a falta de compreensão sobre a deficiência, a falta de domínio em outras linguagens e a limitação do conhecimento em relação a acessibilidade. Por conseguinte, apresentam limitações na qualidade do atendimento levando a fragmentação do cuidado, por considerarem que estas pessoas devem ser assistidas pela atenção especializada.
Santos <i>et al</i> (2020) (18)	Inclusão do paciente surdo nos serviços de saúde no âmbito da atenção primária e suas interfaces com o cuidado de enfermagem.	Os dados colhidos foram organizados e discutidos em duas Unidades Temáticas, sendo estas: Prerrogativas e Avanços na inserção das Pessoas com Deficiência Auditiva na Atenção Básica à Saúde e Desafios e perspectivas para inclusão do surdo na Atenção Básica à Saúde.	Os resultados deste estudo apontam que a Atenção Primária à Saúde deve preparar-se para oferta de práticas de cuidado à saúde direcionada às necessidades da pessoa com deficiência auditiva, sendo a uso da Língua Brasileira de Sinais um avanço importante para o atendimento do surdo na rede de atenção à saúde. No entanto, os principais desafios enfrentados são o acesso, a falta de infraestrutura e de recursos adequados e falhas na comunicação entre o profissional e o surdo.
Santos; Portes (2020) (19)	Percepções de sujeitos surdos sobre a comunicação na Atenção Básica à Saúde.	A falta de intérprete e a não utilização da Língua Brasileira de Sinais pelos profissionais foram percebidas como principais barreiras comunicacionais. Já a presença de acompanhante ouvinte (73%) e o uso de mímicas/gestos (68%) estão entre as estratégias mais utilizadas pelos surdos. A maioria dos surdos relatou insegurança após as consultas e os que melhor compreenderam seu diagnóstico e tratamento foram os surdos bilíngues (p=0,0347) e os oralizados (p=0,0056).	A comunicação com os profissionais foi facilitada quando os surdos estavam com acompanhante ou quando utilizavam mímicas e gestos, sendo a língua de sinais negligenciada, apesar da legislação garantir aos surdos atendimento por profissionais capacitados para o uso desta.

Fonte: Autores

4. Discussão

Para o estreitamento da relação enfermeiro-paciente e para a melhor qualidade do cuidado é a comunicação. Pode-se observar nos resultados desta pesquisa, que existe um grande déficit na comunicação do enfermeiro com a paciente surda, o que prejudica a absorção e compreensão de informações e instruções para o cuidado, e a independência e privacidade da paciente.

No estudo realizado por Costa (11), observou-se unanimidade no relato das pacientes sobre o pouco contato com a equipe de enfermagem durante o período de gestação – apesar da surdez não ser considerada um fator de risco gestacional as participantes do estudo foram acompanhadas apenas por profissionais da medicina – também é observado que a dificuldade de comunicação causa ineficácia na absorção de informação passadas pelo profissional. Dentre as barreiras de comunicação relatadas estão o desconhecimento de noções de LIBRAS pelos profissionais, falta de interprete de LIBRAS nos serviços de saúde, dependência de um familiar durante o atendimento. Assim como relata semelhantemente Santos (18),

Os obstáculos encontrados pelos deficientes auditivos dentro do desafio da comunicação com os profissionais da Atenção Primária à Saúde são a falta de conhecimento de LIBRAS, paciência por parte dos profissionais e a falta de intérpretes no local de atendimento.

Santos (18), ainda destaca que somente pela comunicação efetiva o profissional poderá compreender o que a paciente expressa, ajudando-o a reconhecer e enfrentar o processo de adoecimento. E salienta o quanto esses obstáculos se tornam ainda mais preocupante pois uma comunicação inadequada pode dificultar o diagnóstico e tratamento do paciente Também se observa no estudo realizado por Ferreira (13),

Do total de profissionais entrevistados, 75,0% afirmaram que existiam barreiras de comunicação entre eles e as gestantes surdas. Dentre essas barreiras, a mais citada foi a falta de conhecimento em LIBRAS (50,0%), seguido de dificuldade de compreensão de sinais (35,0%) e dificuldade de compreensão dos gestos (31,6%).

É observado nesse estudo que a procura pela qualificação para prestar assistência a pessoa com deficiência auditiva é baixíssima, algo preocupante pois essa comunidade tem necessidades de atenção especializada e a instrução dos profissionais ainda deixa a desejar e isto contribui para a exclusão social destes pacientes. Isto se agrava ainda mais quando se trata da população gestante surda, por se tratar de um período repleto de mudanças para a mulher (12):

Durante a gravidez, as mulheres surdas podem vivenciar alguns dilemas como: a gestação não planejada; a dificuldade de comunicação com os profissionais de saúde; a violação dos direitos da pessoa surda; e a apreensão em relação à sanidade auditiva do bebê. Esses dados mostram a indispensabilidade de se refletir acerca da fragilidade do cuidado a essas mulheres no âmbito da saúde.

O estudo ainda relata que um dos motivos da descontinuidade e desistência das consultas é a dependência da disponibilidade de uma pessoa para acompanhá-la, além de, a presença do intérprete no atendimento, independente do grau de parentesco interfere no sigilo profissional-paciente e traz redução da privacidade. A presença de um acompanhante durante as consultas pode ser causa de frustração pela falta de independência que traduz e constrangimento em relação às informações pessoais que devem ser compartilhadas (19).

Soares (14), traz o desconhecimento em LIBRAS como principal dificuldade enfrentada pelo enfermeiro na assistência ao usuário surdo. Para os surdos este desconhecimento causa insatisfação e angústia.

Normalmente não conseguem fazer-se entender e não conseguem compreender as orientações recebidas. Para o mesmo estudo, quando os profissionais de saúde sabem LIBRAS e conseguem comunicar-se de forma eficaz com seus usuários, há uma assistência mais humanizada e respeitosa, possibilitando o comportamento inclusivo (13). Isso também é relatado na pesquisa realizada por Reis, Oliveira e Anjos (16):

A ausência de comunicação em LIBRAS foi um fator agravante durante a assistência prestada por enfermeiros durante o parto de mulheres surdas. Alguns sentimentos negativos como tristeza, desprezo e angústia foram evocados e diretamente relacionados a falta de comunicação, sendo que a comunicação a partir da LIBRAS foi citada como uma forma de cuidado.

Os autores também destacam o despreparo dos enfermeiros por não possuírem conhecimento em LIBRAS, ocasionando uma comunicação ineficiente. O fato de o profissional de saúde não ter domínio da LIBRAS, ocasiona numa barreira de comunicação causada pela ausência de comunicação verbal, o que dificulta a compreensão de orientações, informações, diagnóstico e tratamento.

As barreiras existentes geram dificuldades ao enfermeiro de propor ações de cuidado que atendam as necessidades desses pacientes, a implementação de políticas públicas pode contribuir para o fortalecimento da prática profissional (17), fica evidente a necessidade de serem realizadas capacitações com os profissionais e obrigatoriedade da disciplina de LIBRAS nas graduações de saúde (15).

O investimento na qualificação não garante a formação de profissionais de saúde intérpretes ou totalmente fluentes na língua de sinais, mas viabiliza o desenvolvimento de habilidades que permitam uma comunicação efetiva entre estes e os usuários com vistas à inclusão social e respeito aos direitos conquistados por esses sujeitos (19).

É de grande relevância a formação do enfermeiro em LIBRAS para garantir o cuidado da saúde e que este profissional expanda seus conhecimentos buscando meios para prestar um atendimento inclusivo, de qualidade e humanizado não apenas às mulheres com DA mas a toda sua população.

5. Conclusão

Existe uma escassez de estudos que relacionem a mulher surda e sua relação com os profissionais de enfermagem. Apesar disto, observou-se como principais barreiras enfrentadas nessa relação, o desconhecimento em LIBRAS pelo profissional, a falta de intérpretes no serviço de saúde, a dependência do acompanhamento de um familiar no atendimento. Percebe-se o quão importante é o conhecer LIBRAS para a prestação do serviço humanizado.

Infelizmente, embora seja disposto em lei que haja um quantitativo de profissionais de saúde com conhecimento em LIBRAS ou intérprete nos locais que prestam assistência de saúde, isto não é posto em prática. O que é preocupante devido a necessidade de atenção especializada e das consequências que o déficit de comunicação pode causar. A LIBRAS precisa ter seu espaço reconhecido desde o início da formação do enfermeiro até no decorrer da sua atuação através de qualificações.

A necessidade de melhoria é reconhecida, cabe às instituições de ensino e de saúde o desejo de gerar capacitação para os profissionais e também do próprio profissional o desejo de ofertar uma melhor qualidade no seu atendimento tanto à mulher com deficiência auditiva quanto a pessoa surda em geral.

6. Referências

1. Bisol CA, Valentini CB. Surdez e deficiência auditiva – qual a diferença? (Objeto de Aprendizagem Incluir – UCS/FAPERGS, 2011). Disponível em: <http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf> Acesso em maio de 2022.
2. WHO, World Health Organization. Surdez e perda auditiva. 2021. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/deafness-and-hearing-loss>>.
3. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL). Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. (Internet). Diário Oficial da União 2005 dez 22. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>.
4. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL). Dispõe sobre a Língua Brasileira de sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial da União 2002 abr 24. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>.
5. Souza CHL, Oliveira AMG, Oliveira MFTL, Santos JH, Freitas MC. A Importância da Disciplina de LIBRAS Durante a Graduação de Enfermagem para uma Prestação Humanizada da Assistência. *Revista Casos Consultoria* 2022; 13(1): e13127993.
6. Ramos TS, Almeida MAPT. A importância do ensino de LIBRAS: relevância para profissionais de saúde. *Id on Line Rev Psic.* 2017; 10(33): 116-26.
7. França EG, Pontes MA, Costa GMC, França ISX. Dificuldades de profissionais na atenção à saúde da pessoa com surdez severa. *Cien Enferm.* 2016; 22(3): 107-117
8. Pires HF, Almeida MAPT. Como ocorre o atendimento de saúde para pessoas surdas? *Rev Enferm Contemporânea.* 2016; 5(1):68-77.
9. Rodrigues IA, Freitas ASF, Mororó IT, Ferreira Júnior AR, Moreira DP, Franco RGF. Percepções da mulher surda acerca do cuidado no sistema de saúde da gestação ao puerpério. *Rev. Contexto & Saúde.* 2022; 22(46): e12532.
10. Souza MT, Silva MD, Carvalho R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Eisteins.* 2010; 8(1): 102-6.
11. Costa AA, Vogt SE, Ruas EFG, Holzmann, APF, Silva PLN. Acolher e escutar o silêncio: o cuidado de enfermagem sob a ótica da mulher surda durante a gestação, parto e puerpério. *Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online).* 2018; 10(1): 123-129.
12. Ferreira DRC, Alves FAP, Silva EMA, Linhares FMP, Araújo GKN. Assistência à gestante surda: barreiras de comunicação encontradas pela equipe de saúde. *Saúde em Redes.* 2019; 5(3): 31-42.
13. Ferreira YCD. As dificuldades dos profissionais de enfermagem da atenção básica em prestar atendimento à pessoa com deficiência (PCD) auditiva e/ou fala. *Rev Científica Instituto Ideia.* 2019; 8(1): 233-50.
14. Soares IP, Lima EMM, Santos ACM, Ferreira CB. Como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo como eu falo com você? A comunicação do enfermeiro com o usuário surdo. *Rev Baiana Enferm.* 2018; 32: e25978.
15. Marquete VF, Costa MAR, Teston EF. Comunicação com deficientes auditivos na ótica de profissionais de saúde. *Rev. baiana enferm.* 2018; 32: e24055.
16. Reis DEC, Oliveira EAM, Santos FPA. Comunicação do enfermeiro no cuidado ao parto: ótica de mulheres surdas. *Res Soc Dev.* 2021; 10(3): e41710313575.
17. Pereira VFR, Maciel CM, Costa BCP, Dázio EMR, Nascimento MC, Fava SMCL. Cuidado de enfermagem às pessoas com deficiência na Atenção Primária à Saúde. *Glob Acad Nurs.* 2020; 1(1): e7.
18. Santos WR, Neves AGA, Floriano LKL, Gusmão CMP, Oliveira MM. Inclusão do paciente surdo nos serviços de saúde no âmbito da atenção primária e suas interfaces com o cuidado de enfermagem. *Ciências Biológicas e da Saúde – UNIT – ALAGOAS.* 2020; 6(2): 73-86.
19. Santos AS, Portes AJF. Percepções de sujeitos surdos sobre a comunicação na Atenção Básica à Saúde. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* 2019; 27: e3127.